

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Ajuda de gado”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 144-146. ISBN: 972-774-133-9.

Ajuda de Gado.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Ajuda, Ajuda da corrida, Ajuda da vara, Ajuda das cabras, Ajuda das éguas, Ajuda das ovelhas, Ajuda das ovelhas e alfeiras, Ajuda de novilhos, Ajuda das porcas, Ajuda de porcos, Ajuda de vacas, Ajuda do alfeiro das ovelhas, Ajuda do cabreiro, Ajuda do eguariço, Ajuda do homem dos alfeiros das ovelhas, Ajuda do maioral das ovelhas alfeiras, Ajuda do maioral de ovelhas, Ajuda do maioral dos alfeiros, Ajuda do maioral dos porcos, Ajuda do pastor, Ajuda do porqueiro, Ajuda do porqueiro de corrida, Ajuda do vareiro, Ajuda dos bácoros, Ajuda dos carneiros, Ajuda dos chibos, Ajuda dos leitões, Ajuda dos poldros, Ajudante de pecuária, Azagal, Cachopo das ovelhas, Cachopo das vacas, Cachopo de gado, Contra maioral, Contra maioral de ovelhas, Contra maioral de porcos, Entregue, Entregue das ovelhas, Moço das éguas, Moço das ovelhas, Moço dos cavalos, Rapaz com o alavão da casa, Rapaz com o alfeiro das ovelhas, Rapaz das cabras, Rapaz das porcas, Rapaz do gado, Rapaz dos carneiros, Zagal, Zagalejo, Zagaleto, Zagalo, Zagalote.

Figura típica das sociedades agro-pastoris, o *ajuda de gado*, ou simplesmente *ajuda* é geralmente uma criança do sexo masculino que, como o nome indica, auxilia os pastores e maiorias a guardar o gado em troca de alimentação e de um pagamento que, muitas vezes, pode constar apenas de comedorias (ver *Criado da lavoura*). O ajuda inicia normalmente a sua actividade por volta dos seis anos de idade e, até à adolescência, ou até transitar de posição, mantém-se sob a responsabilidade do pastor ou do maioral. As crianças que entravam para ajudas de gado ou eram familiares dos próprios pastores ou pertenciam a agregados familiares geralmente muito numerosos e sem capacidade financeira para os alimentar ou sustentar em casa. Por esse motivo não eram mandadas à escola e, trabalhando, “ganhavam o seu sustento”, aprendiam uma profissão e deixavam os pais sem o encargo da sua alimentação. Ferreira da Silva (1987) encontrou esta situação em Oeiras em meados do século XVIII, e apresentou a seguinte explicação: era “entre os 7 e os 14 anos, que se processaria a sua saída de

casa dos pais para integrar o vasto contingente dos criados de lavoura e dos aprendizes (...) a «exportação» de filhos seria um meio de aliviar o peso do consumo”.

Malgrado a sua tenra idade, a vida dos ajudas era dura e, por vezes, amarga, pois durante todo o período de trabalho acompanhavam o gado e dormiam com os rebanhos ao ar livre ou em barracas amovíveis construídas ao pé do local onde o gado pernoitava. Nas grande extensões do montado, o isolamento a que estavam sujeitos provocava certamente períodos de grande angústia, agravada pelo facto de estarem longe da família e entregues ao cuidado de um estranho. Eram alimentados pelos maioraes, os quais não se livram, na maioria dos casos descritos pelas fontes orais e literárias, da fama de autênticos carrascos, que maltratavam e castigavam violentamente os pobres ajudas sem qualquer motivo aparente. Por exemplo, Saramago (1980) descreve a vida de uma criança que “anda de ajuda a guardar porcos”: “O maioral não trata bem, é o costume destas terras e destes tempos...”. Nas entrevista realizada em meio rural abundam descrições deste género, desde o *moural* que dava grandes sovas até ao ajuda que só comia dia-sim, dia-não...

Por exemplo, nas entrevistas recolhidas no filme *A Lei da Terra* (RTP, 1977), vários trabalhadores falam do *Môiral* ou *Moural* e descrevem os sofrimentos que passaram nas suas mãos quando em criança trabalhavam como *Ajudas*: repetem que o maioral lhes batia, que eles choravam muito, mas os pais mandavam-nos na mesma para o campo porque os mais velhos tinham de ajudar a criar os irmãos.

Este comportamento dos maioraes em relação aos ajudas tem a sua explicação numa tentativa de educação ligada ao facto deste adulto ter o encargo de uma criança que não é sua, mas que passa a integrar-se no seu agregado familiar (Silva, 1993).

Se a criança entretanto não fugia, então, quando crescia o suficiente, ou quando “tomava corpo” para trabalhos mais difíceis, passava a **ganhão*** ou subia à categoria de **ganadeiro*** / **pastor***.

Para esta profissão encontraram-se mais de 44 categorias diferentes, em fontes que variam entre as já faladas fontes orais e literárias, os Livros de Décimas (por exemplo em Avis, em 1753 existe o *Rapaz das porcas*), os livros de contabilidade das casas agrícolas e os recenseamentos gerais da população, onde são classificados em 1940 como *Ajudante de pecuária* (INE, 1940). No Hospital da Misericórdia de Avis há

quase sempre um ou dois doentes por ano entre 1860 e 1945, com a classificação de *Ajuda de Gado*, e com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos.

Silva Picão (Elvas, 1903), usa a designação de *Entregue*, aplicável tanto ao das ovelhas como ao dos porcos. Este mesmo autor refere ainda o *Ajuda do maioral de ovelhas*; o *Ajuda do maioral dos porcos*; o *Ajuda do cabreiro*, que trabalha apenas “durante os meses em que as cabras não trazem crias a mamar. Mas desde que parem (de Outubro a Dezembro) até à desmama dos chibos (princípio de Março), o cabreiro é auxiliado por um ajuda”; e o *Ajuda do eguariço*, este um cargo muito excepcional, pois o eguariço geralmente trabalha sozinho; se precisa de uma ajuda extraordinária, geralmente vai buscá-la aos ganhões.

A referência mais antiga que se encontrou a esta profissão parece encontrar-se na Lei da Almotaçaria, de 1253, com as designações de *cachopo de lavoura*, *cachopo das vacas*, *mancebo de vacas*, *mancebo de ovelhas ou de porcos*, *cachopo de gado*, *rapaz do gado* e *mancebo* (Ribeiro, 1857 e Teófilo Braga, 1885). Nesta mesma lista está presente o termo mais frequente para o gado ovino até ao século XVIII, após o qual perdeu o uso: *Zagal*, que também pode escrever-se *Azagal*, *sagal*, *zagalo* ou *zagallo*. Esta é a classificação que se encontra nos Livros de Décimas de Arraiolos e de Avis desde 1643 até 1778, nos Róis de Moradores de Évora em 1720 e em Samora Correia em 1790 (Nazareth, 1988). Figueiredo (1925) define-o como “Pastor, ajudante do maioral de gado”. Leite de Vasconcelos (1933) também menciona o *Zagal* com as variantes de *Zagalejo*, *Zagaleto*, *Azagal* e *Zagalote*.

Os livros das grandes lavouras alentejanas são de facto a grande fonte para o conhecimento das profissões ligadas à criação de gado e respectivas hierarquias. O *Ajuda* encontrava-se naturalmente no nível mais baixo, mas tinha a sua importância em rebanhos de grandes dimensões e sobretudo quando havia a necessidade de separar os diferentes grupos sexuais e etários dentro do mesmo gado. Está presente como trabalhar fixo, contratado ao ano, nas Lavouras de Parreira Cortez (Serpa), Barroca d’Alva e Rio Frio (Alcochete) e Palma (Alcácer do Sal), séc. XIX. No século XX encontramos vários nas Lavouras de Lopes de Azevedo, Avis, 1915-1919, e do Monte Padrão, Figueira e Barros, 1938-60.

No caso do gado suíno, esta divisão era muito evidente: enquanto o Maioral (ver **Porqueiro***) descansava à sombra de uma azinheira junto da vara de porcos adultos, o

Ajuda dos Báculos e o *Ajuda dos leitões* vigiavam estas crias que ainda mamam (Palma, 1872 e Lopes de Azevedo, 1915-19, com a grafia *ajuda dos bacros*). Na fase seguinte os porquinhos chamam-se *farroupos*, são guardados pelo *Farroupeiro* (ver **Porqueiro***) e correm muito, fugindo a toda a hora. Por esse motivo existe o *Porqueiro de corrida* e o respectivo *Ajuda do Porqueiro de corrida* ou simplesmente *Ajuda da Corrida*. Existe ainda o *Rapaz das porcas* (além das lavoura referidas também está presente nas Décimas de Avis, 1753, no termo da vila); o *Ajuda da Vara*; o *Ajuda de porcos* e o *Ajuda de porcas*; o *Ajuda do porqueiro* e o *Ajuda do Vareiro*.

Os pastores de ovelhas também tinham a possibilidade de dividir o seu rebanho por muitos ajudantes: *Ajuda dos carneiros*; *Ajuda das Ovelhas* (Décimas de Avis, 1753, no termo da vila); *Ajuda das Ovelhas e Alfeiras*; *Ajuda do alfeiro das ovelhas*; *Ajuda do Homem dos alfeiros das ovelhas* (ver *Alfeireiro*, entrada **Pastor***) ; *Ajuda do Maioral das Ovelhas Alfeiras*; *Ajuda do Maioral dos Alfeiros*; *Ajuda do pastor*; *Moço das ovelhas*; *Rapaz com o alavão da casa* (ver *Alavoeiro*, entrada **Pastor***) ; *Rapaz com o alfeiro das ovelhas*; *Rapaz dos Carneiros*.

Quanto ao gado caprino, encontrámos o *Ajuda das Cabras*; o *Ajuda dos chibos* e o *Rapaz das cabras*. Para o gado equino: *Ajuda das Éguas*; *Ajuda do Maioral das éguas*; *Ajuda dos poltros*; *Moço das Éguas* e *Moço dos Cavalos*. Também o *Vaqueiro* podia contar com o *Ajuda de Novilhos*; *Ajuda de vacas* e *Ajuda do maioral das vacas*.

Na Casa do Barão de Almeirim, 1918-1932 encontramos ainda a classificação de *Contra maioral*, com a grafia de *Contra-moiral*, que corresponde a um ajudante do maioral, que o substitui na sua ausência. Pode ser um *Contra maioral de ovelhas* ou *Contra maioral de porcos*.